

CONVERSANDO COM ATTICO INÁCIO CHASSOT: REMEXENDO BAÚS NO CRUZAMENTO DE SABERES E AFETOS

Russel Teresinha Dutra da Rosa¹

A presente entrevista foi realizada por meio de uma prazerosa troca de *e-mails* com o Professor Dr. Attico Inácio Chassot. No texto, o leitor se depara com um estudioso que transita por diferentes campos do conhecimento em uma busca incansável de encontrar articulações entre os saberes científicos e os tradicionais, resgatando o que poderia ser considerada como a “história dos conhecimentos dos vencidos”.

Dr. Chassot, um dos expoentes da História e Filosofia das Ciências, particularmente da Química, no Rio Grande do Sul, também apresenta uma trajetória docente de compromisso com a educação popular, com ênfase na alfabetização científica. O ilustre professor tem ocupado posições de destaque em diferentes instituições de ensino superior. Professor titular aposentado da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS (1967-1991), Diretor do Instituto de Química e Coordenador da Comissão do Curso de Química, um dos fundadores, em 1993, do Grupo Interdisciplinar em Filosofia e História das Ciências do Instituto Latino-Americano de Estudos Avançados (GIFHC/ILEA); foi professor da Pontifícia Universidade Católica (PUC), da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA) e Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), sendo, atualmente, professor titular do Centro Universitário Metodista IPA. Graduiu-se em Química, em 1965, pela UFRGS e concluiu o mestrado, em 1977, e o doutorado, em 1995, em Educação pela mesma Universidade. Fez o pós-doutorado na Universidade Complutense de Madrid em 2002.

Para quem desejar conhecer mais detalhes das produções do entrevistado, é possível visitar o seu *blog* em <http://achassot.blog.uol.com.br>. Passamos, a seguir, as questões da entrevista.

Russel – *Professor Chassot, gostaria que contasses como, sendo um professor de Química Geral, teve início o teu interesse por História e Filosofia da Ciência. Encontramos entre tuas publicações estudos sobre Descartes, Mendeleiev, Prigogine, van Helmont e Conde de Barca. Podes falar um pouco sobre a seleção desses personagens?*

Chassot – Estimada Russel, primeiro preciso manifestar minha alegria em falar para *Episteme*. Essa é uma revista que, por ter sido eu um de seus criadores e

¹ Professora do Departamento de Ensino e Currículo da Faculdade de Educação da UFRGS. E-mail: russel@orion.ufrgs.br

de seus primeiros editores, fez parte muito intensa de meus fazeres. Outra dimensão desta fala é que me fazes abrir mais alguns baús de lembranças. Estou preparando um livro para em 2011 comemorar meu cinquentenário de professor e essas remexidas nas “saudades” tem sido algo muito fruído.

Meu ingresso na área da História e Filosofia da Ciência ocorreu de maneira quase accidental. Ainda era Auxiliar de Ensino, no recém-criado Departamento de Química Inorgânica do Instituto de Química (quando da reforma universitária determinada pela Lei nº 5.540/68 da ditadura militar no final da década de 1960). Na ocasião havia uma disciplina – Evolução da Química – no currículo da Licenciatura, que ainda não havia sido lecionada e não tinha quem quisesse dá-la. Então, me foi presenteada. Aquilo que recebi como um presente grego transformou-se em uma grande dádiva. Havia uma súmula muito vaga, mas deu para inferir que devia lecionar História da Química. Escrevi cartas (não havia, nessa época, recursos como o correio eletrônico) para vários cursos de Química no Brasil em busca de informações sobre essa disciplina, até por que não constou em minha formação acadêmica formal. Não recorro ter recebido alguma resposta. A biblioteca do Instituto de Química tinha dois livros sobre o tema (*The Historical Background of Chemistry*, de H.M. Leicester, e *A Short History of Chemistry*, de J.R Partington) que muito li e reli para preparação das aulas. Comecei como um aprendiz junto com meus alunos. O assunto logo me seduziu. Todavia, cedo me convenci que o recorte que me desafiava – História da Química – e do qual eu pouco sabia era muito mais exigente, pois demandava que eu investigasse a História da Física, da Biologia, da Matemática e fiz uma descoberta. Havia um campo de estudos: História das Ciências (pasmem... eu não sabia existir!). Mesmo havendo necessidade de ampliar o campo de estudo, a paixão foi ainda maior. E sucede a constatação muito significativa: a necessidade de ainda maiores ampliações. Houve exigências de envolver-me – para dar conta dos estudos da História da Ciência – na contemplação das histórias da Filosofia, da Educação, das Religiões, das Artes, da Mitologia, e para surpresa daqueles mais ortodoxos, da história das magias e também a esquecida “*história daqueles e daquelas que usualmente não são considerados como os autores (oficiais) da história*”. Essa última dimensão fica fortificada quando passo a ocupar-me com o estudo dos saberes primevos. Assim, no maravilhoso envolvimento com estes diferentes óculos para ler o mundo começo a tentar fazer tessituras para entender a história da construção do conhecimento. Dou-me conta – mesmo que isso já me envolva densamente há cerca de quatro décadas – que me resta muito a estudar. Talvez hoje reconheça que tenha muito mais por ainda estudar do que quando aquele jovem Auxiliar de Ensino começou a lecionar Evolução da Química. E as minhas maiores necessidades de estudos são acerca da história das religiões, pois é o que mais me seduz hoje; mas sobre isso vou falar adiante.

Todavia, minha resposta somente contempla meu envolvimento com a História da Ciência. A História e Filosofia da Ciência passa a fazer parte de minha

área de interesse com meu ingresso no Grupo Interdisciplinar em Filosofia e História das Ciências (GIFHC) na década de 1980 e também no Grupo de Trabalho da Licenciatura Plena em Ciências da UFRGS – ao qual pertenci, na mesma época representando o Instituto de Química. Conviver tão de perto com mulheres e homens sábios, especialmente no GIFHC, foi um desafio para mim. Vir de uma área onde a Filosofia era ignorada exigiu um esforço muito grande. No começo havia reuniões que eu simplesmente ficava babando. Não entendia quase nada. Foram as propostas de estudos de Kuhn e Feyerabend realizados no GIFHC (e também no GTLPC) que me deram asas para realizar importantes vôos panorâmicos no que se pode chamar de História e Filosofia da Ciência. Aqui vou cometer uma (in)confidência: ainda hoje tenho muita dificuldade de saber se estou imerso em História da Ciência ou em Filosofia da Ciência. Talvez seja essa uma frágil explicação de porque me digo um estudioso – jamais um experto – em História e Filosofia da Ciência, não me considero um filósofo (muito gostaria de ser) e também não sou historiador (talvez o que mais desejasse ser).

Perguntas-me acerca da presença de alguns nomes em minhas publicações. Com exceção do Conde da Barca, que explicarei depois, a presença dos demais – e poderíamos estender a lista – estão por conta de dois vieses que tenho. Um, sou extensamente generalista, aquele do tipo “que cai na rede é peixe”, pois me interesse por tudo e mais, onde ouço um trinar diferente, parece que tenho que procurar uma explicação (não é sem razão que não sei escrever sem dicionário e sou um aficionado por enciclopédias). Outro, sou um resenhista contumaz (acredito que teria sucesso também como redator de necrológios, pois curto lê-los), assim esses nomes aparecem em minhas publicações por conta de resenhas que escrevi de obras deles ou sobre eles.

A situação do Conde da Barca é outra. Quando fiz minha tese de doutorado [Para que(m) é útil o ensino de Química?, Programa de Pós-Graduação em Educação UFRGS, 1993] descobri, quase acidentalmente, a figura de António de Araújo e Azevedo, primeiro conde da Barca (Ponte de Lima, 14 de maio de 1754 / Rio de Janeiro, 21 de junho de 1817). Foi um diplomata, cientista e político português, que se distinguiu como fundador de diversas instituições artísticas e científicas, no período em que a corte portuguesa esteve instalada na cidade do Rio de Janeiro. Como Ministro e Secretário de Estado dos Negócios do Reino chefiou o governo, ocupando um cargo semelhante ao atualmente designado por primeiro-ministro.

Envolvei-me com sua história em diferentes países da Europa e no Brasil e com suas Diretrizes para a criação de uma Cadeira de Química na Bahia, em janeiro de 1817, quando uma carta do Rei D. João VI reconhece a importância da Química para o progresso dos estudos da medicina, cirurgia e agricultura. Nela Conde da Barca destaca que também é importante que se ensinem os princípios práticos da Química, e seus diferentes ramos e aplicações às artes e à farmácia, para o perfeito conhecimento dos muitos e preciosos produtos, com que a natureza enriqueceu o reino do Brasil. Vemos que o Rei, muito provavelmente pelo seu Ministro ilustrado,

Conde da Barca, tinha preocupações bem mais amplas que os professores de Coimbra, para definir o ensino da Química. Aliás, isto já ficara evidenciado cinco anos antes da criação de um Laboratório químico-prático, para desenvolver o conhecimento das diversas substâncias para favorecer às artes, ao comércio e às indústrias nacionais e também poder subministrar os diferentes produtos dos três reinos da natureza extraídos dos domínios ultramarinos da Coroa portuguesa. O objetivo era melhor explorar as riquezas. Não se pode deixar de reconhecer o quanto o Rei e seu Ministro foram visionários, pois entenderam que valorizando a Ciência enriqueceriam o Reino (e, talvez, a eles).

Na tese, antes referida, faço amplas considerações sobre a significativa contribuição do Conde da Barca. Em uma oportunidade apresentei um excerto do assunto em uma reunião da Sociedade Brasileira de História da Ciência e havia colegas portugueses que desconheciam essa faceta de seu compatriota. Fui convidado a escrever algo que foi publicado em Portugal com esta referência: Conde da Barca: um Pioneiro da Educação Química no Brasil. *Química – Revista da Sociedade Portuguesa de Química*, n. 60, p. 41-44, 1996.

Há uma de minhas produções que me mantém vinculado mais especificamente com a (História da) Química: a editoria da sessão “História da Química” na revista *Química Nova na Escola*. Fui um dos fundadores desta revista em julho de 1994 na UFMG, em Belo Horizonte. A partir de 1995, a revista entrou em circulação e por 15 anos ela vem aprimorando a qualidade de seus textos e também a produção técnica. *Química Nova na Escola* era inicialmente semestral; desde 2008 a periodicidade é trimestral. Hoje a tiragem é cerca de 1100 exemplares; quando houve parceria com órgãos públicos esse número já foi bem maior. A seção de História da Química não faltou em nenhuma das 33 edições e mais de uma vez, por influências de seu editor, os assuntos se espalharam do campo restrito da História da Química.

Minha presença enquanto autor na revista contabiliza 8 artigos (sendo um em co-autoria) e 2 resenhas. A participação foi maior nos anos iniciais, pois a comunidade ligada à revista era menos ampla. Hoje minhas ações são quase restritas a ser parecerista e editor da sessão de História da Química.

Dois de meus artigos “Um outro marco zero para a história da ciência latino-americana” e “Raio-X e Radioatividade” foram publicados no livro: Química: Ensino Médio. Eduardo F. Mortimer (org.). Brasília: MEC Secretaria do Ensino Básico, 2006, v. 5, p. 100-104 ISSN: 8598171212. Há outro artigo: “Sobre prováveis modelos de átomos”, publicado em *Química Nova na Escola*, v. 1, n. 3, p. 5, maio 1996, que é um dos menores textos que escrevi, mas era, há um tempo, meu artigo mais citado.

Russel, foi muito bom responder a essa questão, pois terminei fazendo um inventário de uma parte de minha produção que eu mesmo não tinha muito presente.

Russel – *Sua formação e as temáticas de suas publicações demonstram uma vinculação com o campo da Educação, estando entre suas preocupações a transposição didática de conhecimentos científicos e a inclusão de saberes populares nos currículos. Poderias falar um pouco sobre esses seus interesses? Existe relação com o seu trabalho pedagógico junto ao MST?*

Chassot – Esta pergunta me enseja por primeiro uma definição de posicionamento. Quando me digo professor (e isso vai desde a usual conversa com um motorista de táxi até uma roda acadêmica), a contrapartida de meu interlocutor é: De que matéria? / De que disciplina? / De que especialidade? / De que área de conhecimento? (as diferentes propostas de recortes traduzem maior ou menor aproximação da academia). Aos autores da primeira proposta de recorte, digo de *Química*, já aos últimos, faço um circunlóquio para explicar que trabalho com formação de professoras e professores de Ciências. O que também não é totalmente verdadeiro.

Mas hoje sou só muito menos daquilo que fui extensa e intensamente: *professor de Química*. Há não muito (junho de 2009), fui outra vez ao ITerra, em Veranópolis, onde funciona uma escola de formação do MST para dar aulas de Química. Quando recebi a súmula que deveria cumprir, recordei tópicos que ensinara durante anos. Mas perguntava-me durante as semanas que antecedia as aulas: *Para que serve ensinar isso?* O que eu, enquanto cidadão, entendo melhor do mundo em que vivo com esses assuntos? Dentro da proposta: o ensino das Ciências deveria servir para que alunas e alunos saibam não apenas ler melhor o mundo em que vivem, mas sejam capazes de ajudar a transformá-lo para melhor, optei por ser indisciplinado. Não fui um professor (instrumental) de Química, preferi ser um entusiasmado “alfabetizador nas Ciências”. Li, posteriormente, as avaliações que os alunos me enviaram. São emocionantes. Eles não aprenderam estrutura eletrônica ou nomenclatura de compostos orgânicos. Todavia, muito provavelmente entenderam “*porque para apagar uma vela ou avivar uma chama se usa o mesmo procedimento: assoprar*”, ou ainda “*porque naqueles dias de frio na serra gaúcha era preciso deixar janelas abertas*”. Durante os dois dias no ITerra, centrei quase todas as discussões em torno da reação de combustão. Mas, além de professor de Química fui professor de Física, de Biologia, de Matemática, de Geografia, de História e Filosofia da Ciência, de Economia, de Psicologia, de Cultura Religiosa, de Magias etc. Claro que não cumpri o programa, mas acredito que não tenha deixado de ser um bom professor, mesmo frustrando muitas expectativas dos estudantes: tinham medo do enfrentamento da terrível disciplina de Química. Relendo minha resposta a essa questão pode-se ler que mais uma vez aflorou o generalista em detrimento do especialista. Acredito que é nesse convencimento que me faço professor.

Quanto aos saberes populares que está na indagação, reservo comentários à resposta que darei a outra pergunta.

Russel – *Tens um livro que discute a questão de gênero na comunidade científica. Como essa questão surgiu entre seus estudos?*

Chassot – Dentre os meus seis livros mais recentes e ainda em circulação *A Ciência é masculina? É sim, senhora!* – menor deles – é o “livrinho” que mais tem me oferecido gratificações intelectuais. Parece que há duas razões para tal. A primeira: o livro já é polêmico até no nome e isso faz as pessoas instigadas, pois logo dou a resposta à pergunta título. A segunda, porque de todos os meus textos é aquele em que eu sou mais original. Muito do que escrevemos – ou melhor: que eu escrevo – não passa de compilações. Em *A Ciência é masculina? É sim, senhora!* parece que trago originalidades quando procuro mostrar, pelo exame de nosso DNA grego, do nosso DNA judaico e, especialmente, pelo DNA cristão que a sociedade (ocidental) não é machista por acaso. Ela foi, e ainda é constituída assim.

Esse livro tem uma gênese singular. Estava escrevendo, já em 2003, o que em 2008 viria se constituir *Sete escritos sobre Educação e Ciências*. Havia um capítulo que se adensava e o livro como um todo não avançava. Por isso resolvi apresentar no Instituto Humanitas da Unisinos o assunto. Foi muito significativa a discussão gerada então. Optei por desentranhar o capítulo e fazer um livro separado. Posso dizer que foi um sucesso. Quando em 2009 escrevi uma apresentação para mais uma edição dizia: “é muito bom apresentar a quarta edição deste livro. Desde que ele foi lançado em 2003, busca contribuir um pouco para ajudar a diminuir discriminações entre mulheres e homens, chamando a atenção para um tema que continua atual. Há também a tentativa de buscar explicar as marcas milenares que houve / há / haverá nas relações humanas contribuindo na facilitação do advento de tempos onde as desigualdades sejam motivo de um maior entendimento e de gostosa fruição”.

Aceno aqui com algumas das muitas emoções que este livro já me trouxe. Apresentei palestras originadas do mesmo em quase uma centena de universidades brasileiras em mais de uma dezena de Estados da federação; em 2005, na Universidade de Lyon perguntava em uma conferência: *Il y a t’il science masculine?* e respondia *Oui, madame*. Já trouxe essa discussão no México, na Argentina e no Uruguai. Também, fui convidado para discutir o tema com noviços de uma ordem religiosa masculina católica. Essa foi talvez uma das mais exóticas palestras que esse tema me ensejou.

As reações, a esta fala, têm sido dispares. Há muito que se surpreendem com algumas afirmações, especialmente aquelas que surgem nas leituras de nossas origens cristãs. Não poucas vezes, recebi veementes desaprovações como se eu fosse o autor de posturas machistas de luminares da Igreja. O que mais tem me gratificado é o quanto homens e mulheres procuram entender, após analisarmos nossas raízes gregas, judaicas e cristãs, que não somos assim por acaso. Só isso vale as discussões suscitadas. Também percebo adesões, especialmente de homens, a um esforço para

continuarmos a mudar nossas ações, quando apresento explicações históricas e biológicas para nossas continuadas posturas machistas. Talvez por isso esse é um livro que vale muito (para mim).

Russel – *A obra “A ciência através dos tempos” já circula há mais de 15 anos. Depois de tantas edições como encaras esse livro hoje? Que atualizações foram feitas nesse período?*

Chassot – Dos meus seis livros ora em circulação é *A ciência através dos tempos* que tem o maior número de edições e reimpressões. A primeira edição foi em 1994. Teve sucesso, pois não existia em português nenhum texto acerca de História da Ciência em cerca de 200 páginas. Todas as obras do gênero eram em vários volumes. Também por ser um texto em uma linguagem bastante acessível, mostrou-se um livro paradigmático para um amplo espectro da escolarização. Foi/é usado desde as séries finais do ensino fundamental até em cursos de pós-graduação. No Google acadêmico ele tem 195 referências. Meu segundo livro, neste discutível ranking é “Educação conSciência” com 82. *A Ciência é masculina? É sim, senhora!* com 22 perde, por exemplo, para o *Para que(m) é útil o ensino?*, que tem 59 nomeações.

O livro está bem-posto na coleção Polêmica. Há uma frase que por 14 edições esteve na quarta capa (agora está na abertura) que traduz um pouco o espírito do texto. “Admira meu filho a sabedoria divina que fez o rio passar perto da grande cidade!”

Quanto a atualizações ocorreram ao longo destes 15 anos algumas correções. Porém pode-se dizer que existem dois distintos livros *A ciência através dos tempos* em forma e conteúdo. Um formado por 14 edições de 1994 a 2003, com 192 páginas no tamanho 208 x 136 mm. Outro, decorrência de uma viagem ao Peru e Bolívia em 1995/96. A partir de tudo que vi nesses dois países, ratificado depois por duas viagens ao México (1998 e 2008) deixou-me muito descontente, ou melhor, envergonhado com a maneira reducionista como me referia aos homens e às mulheres que viveram nesta parte do Planeta: *os primitivos habitantes da América eram habilidosos caçadores*. A edição de 2004, então a 15ª saiu não apenas com outra capa, e bem maior: com 280 páginas no tamanho 230 X 158 mm, mas com um novo capítulo “*Uma História da Ciência latino-americana determina outro marco zero*” onde, em 18 páginas, se analisa o desenvolvimento em épocas pré-colombianas do que chamamos hoje de Arquitetura, Engenharia, Agronomia, Astronomia, Hidrologia, Matemática. Até 2008 foram já 21 edições, das quais sete, com essa releitura da Ciência da América pré-colombiana.

A editora enviou-me cerca de duas dezenas de sugestões de modificações (erros de digitação, erros de textos e propostas de esclarecimentos). Dediquei alguns dias nesse trabalho; aproveitando a esteira do ano darwiniano, acrescento cerca de 300 palavras para explicar que: Quando pensávamos que quase tudo acerca do

homem cujo pensamento pôs a religião de joelhos surge, em 2009, uma tese significativa: “a senzala brasileira pode ter sido tão importante para a teoria da evolução quanto as ilhas Galápagos”. Talvez, na origem de tudo, esteja a escravidão.

Fiz algumas edições do blogue inserindo-me no Ano Internacional Astronômico. Isso dá azo a comentários dos quais alguns excertos merecem ser trazidos aqui. Quase no encerramento de uma das edições, quando falava sobre Descartes, escrevia: “*Quando ensinou, entre outras coisas, esse sistema na Universidade de Cambridge, foi muito bem acolhido. Um de seus alunos foi Newton, cuja fabulosa contribuição para a ciência ainda queremos trazer neste AIA2009*”. Recebi esse comentário: *Uma questiúncula: Parece haver um equívoco na informação sobre Descartes em Cambridge, como professor de Newton. Se não estou enganado, Descartes jamais saiu do "continente". E, tendo morrido em 1650, não pode ter sido professor de Newton, nascido no Natal de 1642 (calendário juliano). Ou entendi mal teu texto?* Respondi assim: Muito querido Tavinho, teu comentário trouxe-me alegrias e preocupações. [...] *Preocupações*: ontem quando redigi o encerramento de Descartes, aquela afirmação acerca de Newton beliscou-me. Olhei de novo meu livro ‘Ciência através dos tempos’ e a afirmação está lá. O livro passou recentemente por um acurado revisor crítico, e isso não foi detectado [...]. Vou penitenciar-me. Realmente, por mais que eu procurasse uma ligação de Descartes com Cambridge, não encontrei e mesmo por mais genial que Newton fosse, com oito anos ele não estaria assistindo aulas de Descartes. Assim, na próxima edição de *A ciência através dos tempos*, cujas extensas revisões recém terminei, devo corrigir esta imprecisão, que me foi alertada pelo Prof. Luís Otávio Amaral, UFMG, catalisada pelo blogue, pois 15 anos o livro circulou, em cerca de cem mil exemplares, sem que algum leitor ou revisor crítico houvesse se apercebido.

Pareceu-me válido amearhar essas observações, para mostrar o quanto um livro é uma construção coletiva e que ver na sua lombada e/ou na capa nosso nome é algo um pouco falacioso.

Russel – *Podes comentar o projeto de pesquisa que vens desenvolvendo desde 2008 “Buscando saberes primevos entre africanos e afro-descendentes para fazê-los saberes escolares”? Esse projeto vem sendo desenvolvido no Brasil e na África? Qual o objetivo? Qual a metodologia de coleta de informações? Esse estudo tem relação com outros sobre a história das ciências latino-americanas?*

Chassot – Este projeto de pesquisa é um refinar de pesquisas anteriores envolvendo um problema genérico: *Como buscar, em diferentes lócus, saberes primevos e fazê-los saberes escolares?* Os vários problemas específicos (preservação de saberes relativos a sementes caipiras, desidratação de frutos, conservação de alimentos, fontes alternativas de energia, saberes relacionados com o curar, etc.) alicerçados no problema genérico resultaram na produção de artigos e de capítulos de livro, apresentação de trabalhos em eventos e minicursos. Para tal

houve a chancela de um último projeto de pesquisa *“Uma caixa preta chamada Ciência: propostas curriculares para migrar do esoterismo ao exoterismo”*.

O foco no buscar saberes primevos, antes muito amplo, agora se centra em fazê-lo entre saberes de africanos e de afro-descendentes. Há duas razões para tal recorte: a) uma adesão política à Lei nº 10.639/2003, que estabelece a inclusão obrigatória nos currículos da temática “História e Cultura Afro-brasileira”; b) a minha recente inserção como pesquisador no Centro Universitário Metodista IPA, instituição que cultiva, entre suas marcas, processos de inclusão marcados pela constatação de que os problemas que afligem a realidade latino-americana devem constituir pauta das pesquisas com exigência de transformação social. Nesta pesquisa se busca evidenciar: 1) a presença da Ciência numa matriz não eurocêntrica; 2) possibilidades de trazer para sala de aula saberes que estão presentes entre africanos e afro-descendentes. Respondo aqui um detalhe da pergunta: mesmo que refira estar africanos entre os sujeitos de minha pesquisa ela não vai, por mais que desejasse, à África. No Centro Universitário Metodista – IPA existe uma comunidade de mais de meia centena de estudantes de diferentes países africanos que moram na instituição e esses estão entre aqueles que serão fontes de saberes.

Russel – *Sei que és um leitor voraz e um escritor muito produtivo, tens inúmeras publicações, já registraste teu hábito de produzir diários e também discutiste o papel das bibliotecas. Como foi a história da tua relação com os livros, com a leitura e a escrita?*

Chassot – Muito provavelmente essa é a mais instigante das perguntas. Começo com algo que vai decepcionar, pois muito me decepciona recentemente. Destruo – não sem dó – em mim o mito do leitor voraz. Essa perda: lamento muito. Leitor voraz no sentido daquele que acolhe um livro, ficção ou não ficção, e vai para uma rede – esse instrumento de repousar que lembra o útero materno – fruir a leitura. Lamentavelmente, essa benesse é mal substituída por horas de teclar e ler sob a vigilância severa do “meu feito”, como chamo meu computador. Considero a leitura no computador como algo sensabor. O suporte papel é algo que tem uma sensualidade incomparável. Sentir o cheiro do livro. Manuseá-lo na estante. Curtir-lhe a lombada. Avaliar sua história material. Tudo isso nos é sonogado na leitura em suporte eletrônico.

Hoje gasto uma significativa parte de meu tempo na produção de um blogue diário, onde a cada dia publico um texto equivalente a cerca de duas a três páginas de um livro impresso. Publiquei recentemente “Blogues como artefatos culturais pós-modernos para fazer alfabetização científica” [*Competência: Revista da Educação Superior do Senac-RS*, p. 11-28, v.2, n.2, julho de 2009 ISSN 1984-2880]. Nesse texto conto um pouco acerca deste artefato pós-moderno de fazer alfabetização científica. Analiso o meu ser bloguista e ensaio tentativas para responder a três interrogantes: *O que escrevo? Como escrevo? e Por que escrevo?*

Isso enseja comentar algo acerca do prazer da escrita e procuro alternativas à dificuldade de escrita de textos acadêmicos.

Mas volto à tua pergunta, depois da dolorosa constatação que não sou mais um leitor voraz. Mesmo que meu pai não tivesse uma escolarização formal além das séries iniciais e que minha mãe, que enquanto solteira fora professora primária, trago o gosto da leitura do berço. Meu pai, um carpinteiro de uma rede ferroviária, era um leitor de jornais (acho que nunca o vi com um livro na mão). Não tínhamos livros em casa. Eu alfabetizei-me lendo as manchetes do “Correio do Povo”. Enquanto aluno eu era uma negação na área de esportes. Sempre tive um péssimo desempenho nas marchas. O que mais ouvia durante os ensaios (do desfile festivo, era deixado de lado para a escola não perder pontos) era: “Attico! Acerta o passo!...” Eu sempre estava de passo errado, por mais que me esforçasse. Talvez por isso, que sempre tenha sido (ainda hoje) um péssimo parceiro para formar um par em danças de salão. Arrumava sempre pretexto para fugir das aulas de Educação Física, mas liderava as promoções culturais: jornalzinho da escola, academia literária, devoções marianas e do patrono do colégio, discurso no aniversário do diretor... Assim vai se afinando meu gosto pela leitura. As bibliotecas têm em mim uma sedução. Visito uma biblioteca com mesma emoção que visito uma catedral ou uma minúscula capela. Tenho saudades da biblioteca pública municipal de Montenegro, que tinha apenas uma sala, mas era o local da cidade que mais me encantava, em minha adolescência. Lembro que a maioria de meus colegas nunca a visitava. Estive em muito famosas: Biblioteca de Alexandria, Bibliothèque Nationale de France, Biblioteca Nacional da Espanha, British Library. Já escrevi sobre algumas: Biblioteca Alexandrina: a Fênix ressuscitada [*Química Nova na Escola*, p. 32-55, ano 8, n.16, nov.2002] e Bibliotecas: um mundo quase fantasmagórico [*Episteme* n. 17, p. 201-206, 2003].

Curto muito minha biblioteca pessoal, com cerca de 3 mil livros registrados em um banco de dados, que se espalham por dois pisos em quase todas as peças da minha Morada dos Afagos. Nela há um setor de obras raras e preciosas, onde minha maior preciosidade é um Corão escrito à mão em árabe, que se diz ser de 1680. Tenho ainda um “livrinho vermelho” de Mao, adquirido na China. Há nesse setor alguns livros que são particularmente de estimação: um *Dictionnaire Larousse complete illustré*, de 1895, o primeiro livro raro que adquiri por escambo em 2 de novembro de 1955, quando estava na 2ª série ginásial; um exemplar da “Matemática do Ary Quintella, do 3º científico” que recebi quando foi me solicitado a minha primeira aula em 13 de março de 1961. Tenho uma “Seleta de Prosa e verso” que recorda meus livros escolares e os três volumes da primeira edição de Winnetou de Karl May, que foi o romancista que mais embalou a minha adolescência. Tenho uma especial coleção de livros religiosos católicos, islâmicos e judaicos.

Quanto ao meu hábito de escrever diários, devo dizer que tenho cerca de 9,3 mil dias (mais de 25,5 anos) de diários ininterruptos sem faltar um dia, mesmo que mais de uma vez escrevesse até em UTI (Unidade de Tratamento Intensivo, em um

hospital). Tenho ainda, anterior a 1984 (quando começa a série contínua de 26 volumes) alguns volumes esparsos. Já escrevi mais de um texto acerca desse meu *hobby*: Sobre a arte de escrever diários [*Entrelinhas*, ano 1, n. 1. p.11-15, março de 2001] e Escrever diários como uma forma de colecionismo [*Episteme*, v. 10, n. 20, p. 55-70, 2005].

Russel – *Gostarias de falar sobre suas leituras no campo das religiões?*

Chassot – Esse é outro assunto sedutor. As perguntas anteriores denotam uma leitura mais extensa em meu currículo. Conjecturei onde estava a inspiração para esta. Se minha biblioteca fosse conhecida por minha perspicaz entrevistadora diria da oportunidade da questão. Na pergunta anterior contava que tenho, entre meus livros raros mais de uma dezena de livros religiosos católicos, islâmicos e judaicos. Mas os livros classificados como “Religião” são bem mais de uma centena. Sou tentado a usar uma estratégia creditada a jesuítas, em uma vez já confirmada por mim. Diz-se que os jesuítas sempre respondem a uma pergunta com outra pergunta. Uma vez perguntei: “Pe. Aparício (pseudônimo que apus a um jesuíta meu interlocutor), é verdade que os jesuítas sempre respondem uma pergunta com outra pergunta? Resposta: Quem te contou isso?”, assim perguntaria a Russel: Como inferes que tenha leituras no campo das religiões? Na pergunta inaugural comentei da necessidade de fazermos tessituras com diferentes campos do conhecimento. Dentre o que citava ali, estava a História das Religiões; esta me parece capital para entendermos cada vez mais a História e Filosofia da Ciência. Para mim são cada vez maiores as necessidades de aprofundar estudos acerca da história das religiões. Talvez seja o assunto que mais me seduz hoje.

Em *Sete escritos sobre Educação e Ciências*, no capítulo 4: *A História da Ciência. catalisando propostas transdisciplinares* discuto mais extensamente a importância de conhecermos a História das religiões. Se tivesse que citar para tal apenas um livro escolheria *História natural da religião* é da autoria do filósofo e iluminista escocês David Hume (1711-1776). Ele é autor de várias obras filosóficas e entre essas há destaques àquelas sobre religião, nas quais se opõe, usualmente, à ideologia dominante em seu tempo. O mais penetrante, filosófico e substancial de seus trabalhos sobre o tema são *Diálogos sobre a religião natural*, que mesmo tendo sido escrito durante quatro anos, só foi publicado 21 anos depois de sua morte. Amigos que leram os manuscritos o aconselharam a esperar que serenassem os ânimos mais exaltados contra outras de suas publicações (“*Dos Milagres*” e “*De uma providência particular e de um estado futuro*”) que haviam provocado a ira de religiosos ao solapar a crença nos milagres e numa providência divina.

Em *História natural da religião* Hume aborda as origens e as causas que produzem os fenômenos religiosos, dos efeitos sobre a vida e a conduta humana. Mostra o politeísmo como a primeira religião e suas alternâncias com o monoteísmo. O autor desenvolve uma investigação sobre os princípios “naturais” que originam a crença religiosa. Hume é tido como dos primeiros autores a examinar a crença

religiosa como uma manifestação da natureza humana, sem pressupor da revelação de um deus ou de deuses, sendo que aqui a *história natural* é oposição a uma *história doada por divindade(s)*.

Hume inicia *História natural da religião* mencionando duas explicações distintas sobre a origem das religiões. Na primeira, traz a tese de que as pessoas são levadas à crença religiosa pela contemplação racional do universo. Na outra tese mostra que a religião tem por base fatores psicológicos independentes de um fundamento racional. Hume espousa, com a argumentação nas religiões populares, a segunda. Assim mostra o quanto a experiência religiosa é governada pelas paixões. A religião se origina do medo de influências desconhecidas sobre a sociedade humana e prospera em situações terríveis de medo e ignorância do futuro. Está certo o saber popular quando diz: “Só se lembra de Santa Bárbara quando troveja!”

O livro, na sua muito bem cuidada edição da Editora Unesp, apresenta ao final instigantes notas de Jaimir Conte (que refiro mais extensamente em *Sete escritos sobre Educação e Ciências*), notas biográficas da edição original, um índice onomástico e uma seleção bibliográfica com destaque às obras de e sobre Hume em língua portuguesa. Parece indiscutível que *História natural da religião* seja um excelente ponto de partida para quem desejasse conhecer mais acerca da história das religiões.

Mais recentemente, no cenário editorial mundial surgiu um significativo número de títulos, que se transformam em sucesso de vendas e também de discussões, que poderiam receber a classificação de *ateológicos*, isto é que mostram possibilidades de um mundo onde se possa prescindir de Deus ou deuses e, por extensão, de religiões. Os fundamentalistas religiosos encaram o fenômeno como uma tentativa dos ateus em fazer uma queda de braço com os religiosos, procurando dar sentido a uma vida sem religião. Quando falo desses livros digo que “os ateus estão saindo do armário!”. Recordo que há não muito ao fazer palavras cruzadas a acepção para “homem mau de quatro letras” era “ateu”. Quando comentei isso em novembro de 2008, em Brasília, no I Colóquio Internacional de Psicologia do Conhecimento o Prof. Arden Zylbersztajn, da UFSC, acrescentou com graças: “... e de cinco: judeu!”

Desses há dois que “fizeram a minha cabeça” mais recentemente. São recomendados a aqueles que desejarem fazer uma leitura mais crítica do papel das religiões na história dos homens e mulheres: “*Deus, um delírio*” e “*Tratado de Ateologia*”.

O primeiro *Deus, um delírio* [Richard Dawkins, São Paulo, Companhia das Letras, 2007] no qual o autor, um dos mais respeitados cientistas da atualidade, num texto sagaz e sarcástico, ataca impiedosamente o que considera um dos grandes equívocos da humanidade: a fé em qualquer divindade sobrenatural. Richard Dawkins (nascido em Nairobi, 26 de março de 1941) é conhecido principalmente

pela sua visão evolucionista centrada no gene, exposta em seu livro “O Gene Egoísta”, publicado em 1976, (sobre esse livro fiz uma blogada em 25 jul. 2009). Desse autor tenho já em minha biblioteca, em uma interminável lista de espera para leitura, além de *O Gene Egoísta*, *O Relojoeiro Cego* e *O capelão do diabo*.

O outro *Tratado de Ateologia* [São Paulo: Martins Fontes, 2007, 240 p.] escrito pelo filósofo mais popular da França na atualidade, Michel Onfray, de 46 anos. A obra é um ataque pesado ao que o autor classifica como “os três grandes monoteísmos”. Segundo Onfray, por trás do discurso pacifista e amoroso, o cristianismo, o islamismo e o judaísmo pregam na verdade a destruição de tudo o que represente liberdade e prazer: “Odeiam o corpo, os desejos, a sexualidade, as mulheres, a inteligência e todos os livros, exceto um”. Essas religiões, afirma o filósofo, exaltam a submissão, a castidade, a fé cega e conformista em nome de um paraíso fictício depois da morte. De Onfray está na lista de leituras: *Le souci des plaisirs, construction d’une érotique solaire* (Paris: Flammarion, 2008).

Mas na estante “religião” há dezenas de livros que mereceriam ser comentados aqui. Quem espiar essa estante dirá que no mínimo sou eclético.

Talvez haja surpresa quando digo que tenho mais de uma dezena de livros psicografados; aprecio muito especialmente aqueles de episódios históricos escritos por Francisco Candido Xavier ditados por Emanuel, como “Paulo e Estevão”. Possuo vários livros, há muito intocados, legados de minha militância em movimentos da Igreja católica, onde consta até o famoso “Catecismo holandês” e documentos do Vaticano II; este acompanhei com raro interesse, nos anos 1960s. Possuo também mais de uma edição do “Cântico dos cânticos”, algumas bonitamente ilustradas. Tenho vários livros sobre islamismo, que para mim tem um interesse atual.

Talvez valesse encerrar essa pergunta acerca de leituras falando de planos de leituras na temática: religiões. Desejaria fazer uma leitura da Bíblia do Gênesis ao apocalipse. Sinto que há muito desejei fazer isso. Quero entender mais especialmente o Antigo Testamento. Depois quero fazer o mesmo com o Corão. Possuo mais de uma edição deste livro sagrado. Ultimamente tenho lido textos comparativos dos dois livros (Bíblia e Corão) que me fizeram perceber o quanto tenho muito a aprender neles. Depois disso parece que posso retomar a leitura da Divina Comédia e ir com Dante para ver qual dos planos dantescos me tocará.

Russel – *Arrisco, agora, uma última pergunta que tens toda a liberdade de não responder, caso a consideres muito invasiva. És ateu?*

Chassot – Muito estimada Russel, esta pergunta é realmente muito difícil de responder. Aventuro-me trazer algo a moda de uma resposta, pois não raras vezes essa interrogação já me foi feita. Todavia, usualmente de maneira privada, e, quase sempre, buscando certa cumplicidade. Veja que se me perguntasses se sou católico, judeu, muçulmano ou budista, seria talvez mais natural responder, um sim. Olha

como seria mais fácil de responder sim a perguntas como: “Tu és gremista?” ou “Torces para o colorado?”

Há pelo menos duas razões para este sim peremptório (ou quase impensado):

A *primeira*: ser religioso é algo natural – parece que não existe uma cultura que não tenha em sua cosmogonia uma relação com deus ou deuses – e não preconceituoso. Talvez algumas religiões sofram alguns preconceitos. Assim, na academia não encontramos (pelo menos de maneira notória) praticantes de religiões neo-pentecostais. Todavia, aqueles que abraçam a doutrina espírita (talvez por ela ter uma base “mais científica”) têm visibilidade na Universidade. Claro que se vivêssemos na Espanha ou Portugal, no início da Modernidade ou na Alemanha nazista da primeira metade do século passado, dizer-se de fé judaica era problemático. Ser ateu é ainda muito eivado de preconceitos. A *Encyclopædia Britannica* estima que cerca de 2,5% da população mundial se classifica como ateu. Logo, se trata de uma minoria, como tal naturalmente discriminada. É possível que o ateísmo esteja mais disseminado que as pesquisas sugeriram. Ateus que expressam abertamente a sua opinião passam frequentemente a carregar um estigma social, correndo o risco de serem marginalizados, ou, em alguns países, condenados à morte. Há uma pesquisa Gallup de 1999, mostrando em quem os estadunidenses poderiam votar para presidente do país: 94% votariam em católicos; 92% em judeus ou negros; 79% em homossexuais e apenas 49% em ateus.

A *segunda* razão é que responder *sim* a esta pergunta, implica necessariamente, ter sido feita uma longa e dolorosa reflexão. Não poucas vezes imersa em culpas. De uma maneira geral (claro que sei que trago uma generalização rasa) podemos nascer católicos, mas não nascemos ateus. Uma espiada num corredor de uma maternidade no Rio Grande do Sul mostra que os bebês hoje, especialmente os meninos, nascem gremistas ou colorados. Depois são batizados – mais para ganhar padrinhos – em uma religião, que talvez os pais nem pratiquem. Eles não podem continuar pagãos. Muito menos ateus. Fizemo-nos ateus. Ouso a afirmar que um número significativo dos que se dizem ateus, foram há um tempo, muito religiosos. Às vezes, mais fácil – e também conveniente – assumir uma religiosidade, porque isso não implica em questionamentos e mais, não exige mudanças. Por isso referi: dizer-se ateu implica em uma (dolorosa) conversão na maneira de ler o mundo e a vida (futura, se tal for aceito). O desconfortável não é sentir-se minoria, mas sim por sentir-se um desprovido. É preciso também ser valente para enfrentar – melhor, aceitar – as opiniões alheias. Quando no meu perfil, em uma comunidade de relacionamentos, coloquei “agnóstico”, um jovem que conhecia apenas por comentários internéticos, escreveu de sua decepção, pois julgava que eu parecia uma pessoa tão boa; prometeu, não sem dó, rezar por mim. Ter que despirmo-nos de crenças profundas não é trivial. *Enquanto, religiosos somos solidários, mas o ser ateu é solitário*. Não apenas porque aos ateus não está reservado algo que a mim

encanta: os cultos religiosos. Frequentar templos, especialmente em viagens, é algo de minhas preferências. Todavia, detesto estar naqueles que são tidos como os sucedâneos das catedrais destes tempos pós-modernos: os *shoppings centers*. Na Unisinos eu tinha um colega, ex-padre católico, que dizia que eu era o ateu mais religioso que ele conhecia.

Vale considerar que ser ateu implica romper com a cultura transmitida pela família. Talvez me abstinhasse de responder a essa pergunta, se meus pais fossem vivos. E aqui talvez ouse ampliar um pouco uma leitura que Freud faz do texto de Sófocles, “Édipo, o rei”. Nessa negação à religiosidade, não matamos o pai, mas o Pai (a Deus, Pai). Matar ao pai no processo de Édipo implica poder simbolicamente algum dia ocupar seu lugar e possuir Jocasta; nessa situação matar ao Pai, traduz dizê-lo dispensável (enquanto o Criador).

Sei que ainda não disse sim (ou não) a pergunta capital. Antes de fazê-lo queria trazer um excerto de comentário que fiz em meu blogue. Oferecia então, como dica de leitura Em que crêem os que não crêem? [*In cosa crede chi non crede?*] Umberto Eco e Carlo Maria Martini. Tradução: Eliana Aguiar, 160 p. Formato: 14 x 21 cm. Rio de Janeiro: Record, 2000, ISBN 85-01-05527-1] O livro é um intenso e caloroso diálogo entre Umberto Eco e Carlo Maria Martini. Ele se constitui de cartas publicadas pela revista italiana *Liberal*, entre março de 1995 e março de 1996. Nelas encontramos um leigo com imenso conhecimento e profundas dúvidas religiosas, e um religioso preocupado com as questões mais pragmáticas da vida.

Os dois interlocutores são muito conhecidos. Umberto Eco, autor entre outros clássicos de “O Pêndulo de Foucault” e “O Nome da Rosa”, nasceu em Alessandria, no Piemonte italiano no ano de 1932. Laureado em filosofia na Universidade de Torino, com uma tese estética sobre São Tomás de Aquino, dedicou-se à estética medieval, à arte de vanguarda e aos fenômenos da cultura de massa. Carlo Maria Martini nasceu em Torino em 1927, ordenando-se sacerdote pela Companhia de Jesus em 1952. Em 1979, João Paulo II o nomeia para o cargo episcopal de Milão e em 1983 o faz cardeal. É reconhecido biblista. Na sucessão de João Paulo II era um dos “papáveis” mais forte, todavia, motivos de saúde, o retiraram do páreo. Desde 2002 é arcebispo emérito de Milão e retirou-se para viver em Jerusalém.

O diálogo entre os dois é sumarento: Eco abre o diálogo e interroga se “há uma noção de esperança (e de responsabilidade em relação ao amanhã) que pode ser comum a crentes e não crentes? Ainda em que poderia basear-se? Que função crítica pode assumir um pensamento do fim que não implique desinteresse pelo futuro, mas sim um julgamento constante dos erros do passado?” Martini diz “mais difícil é responder à pergunta sobre se existe uma ‘noção’ de esperança (e de responsabilidade em relação ao amanhã) que possa ser comum a crentes e não crentes. Ela deve existir de alguma maneira, na prática, pois é possível ver crentes e não crentes vivendo o presente. dando-lhe sentido e empenhando-se com

responsabilidade. Isso é particularmente visível quando alguém se coloca, gratuitamente, por sua conta e risco, a serviço de valores elevados, sem nenhuma retribuição visível. Quer dizer, portanto, que existe um húmus profundo, que crentes e não crentes, pensantes e responsáveis, alcançam, sem que, no entanto, consigam dar-lhe o mesmo nome.” Eco afirma que *“Como nos ensinam as mais laicas entre as ciências humanas, é o outro, é o seu olhar, que nos define e nos forma.”* Enquanto Martine interroga: *“O que funda a dignidade humana senão fato de cada ser humano é uma pessoa aberta a algo de mais alto e maior que ela própria?”* Sei não é aqui e agora, o local para trazer esse diálogo. Acenei com a referência.

Russel, foi bom conceder-te esta entrevista. Obrigaste-me pensar e repensar muitos fragmentos de minha vida. Não consegui montar o quebra-cabeça que mexeu comigo. Muito obrigado. Ah! A resposta a última pergunta. ¿Precisa? Então é um sim, mas não um sim de militante. Não busco conversões de religiosos ao ateísmo. Encerro fazendo uma afirmação: algo que me encanta é dialogar com uma pessoa religiosa. Atesto isso num prosaico episódio familiar. Há dias telefonei, para a casa de um de meus filhos. Atendeu-me minha neta. A pedir para falar com seu pai. Respondeu: ‘Papai, agora, está rezando!’. Fiquei muito emocionado.